Ariz

Publicado no dia 31/10/2012

Ariz, cimentada na margem direita do Alto Paiva, é terra que merece ser lobrigada com afinco. Vamos encontrar aí um solo fértil para a agricultura e um subsolo rico em material lítico abundantemente explorado. Fita-se uma aguilhada de semeadura aqui, outra de fraguedo ali, outra ainda de baldio acolá. Nas baixas rebrilham os mimos ternos dos granjeios. Nas cabeceiras das sortes, como nalgumas zonas da meia encosta, de que a *Janamoga* é exemplo, ponteia um ventinho levantisco que faz arrepiar o arvoredo, aglomerado ou solitário. Nos planaltos tesos e pétreos o mato rastiço tolda o chão e liberta aos ares serenos doces incensos que só se extinguem quando a invernia atira com eles para outras latitudes, obrigando o humano a embezerrar no calor da lareira. Por então, só o lume, esse avô dos patriarcas, amigo dos poetas, crisol dos sentimentos humanos, consegue fazer escapar as fracas carnes humanas ao temporal serrano.

Mais bonito do que o maninho picado das lantejoilas dos tojos e com as giestas sempre hirtes quando se não derretem em maias argênteas e amarelas, mostra-se a folha. Folha multicolor como o arco-íris que, ainda assim, predomina em verde esplêndido como o dos bosques e encarniçado como o do mato luxurioso.

A água, aqui, canta ou sussurra em ladainhas de brancura, soltando nos olhos e apossando nos ouvidos ilusões e sonhos que voejam como as espécies do ar. São estas as que melhor apreciam o espaço do memorável rectângulo de Ariz, fitando-o de cima para baixo em bandos que olhados da base para o topo parecem sementio de vírgulas numa lauda virgem.

Sentimo-nos rústicos, aqui. De uma rusticidade emocional, pelos sentimentos que só as belas colgaduras, socalcos e vales conseguem produzir. Não rústicos de qualquer barbárie desprezível. Paz de espírito é o que provoca um meio que, *mutatis mutandis* assola a alma com o tempo necessário para magicar na morte da bezerra. Não há criatura que por mais sossego que tenha não queira lograr de tal tempo introspectivo e de semblante a devaneios. Esta terra de tendões de granito, simultaneamente prosaica e idílica, tudo produz e tudo há-de comer. Mas enquanto o não faz, permite gorgolhar no moinho interior um ânimo espraiado por todos os poros da carne e por todas as veras da alma.

Foi Ariz a *villa Alarici* em tempos godos. Porém, foi habitada desde os tempos pré-históricos, como provam alguns dólmenes e outros vestígios neolíticos. Veio depois a ter uma muralha castreja ou *castelo*, como ainda hoje ali se diz. Na *Janamoga* foram encontradas pedras graníticas bem aparelhadas e de grande dimensão e cerâmica de construção. Uma estela funerária, presumivelmente romana, com inscrição latina, poderá ser admirada numa das ruas da localidade. Do período medieval podem ser contempladas hoje algumas belas sepulturas escavadas na rocha, designadamente uma na *Fonte dos Lobos* e três nos *Penedos*. Como paróquia começou por pertencer a Pêra e Peva. Com um clima mais temperado do que a sede do concelho, o abade residia aqui. A freguesia construiu a sua igreja e deu-lhe como patrono o Divino Espírito Santo. Ao longo do tempo o templo foi restaurado. Tinha em 1758 quatro altares: do Santíssimo Sacramento, do Santo Cristo, de N. Senhora e de Santa Quitéria. No mesmo período existia a irmandade das almas com a invocação de N. Senhora do Amparo.

Tem esta terra duas pequenas pontes dignas de nota, ali pela Ribeira dos Cubos, local ancestral onde elas dão acesso a campos polícromos arroteados pelos avoengos labutadores. Mais célebre do que estas é a ponte românica que arqueia sobre o rio.

Tinha 150 pessoas em 1758 e os frutos que mais abundavam da terra eram trigo, centeio, milho e castanha. Coelhos e perdizes eram a fauna que abundava na serra. No rio, trutas. Moinhos existiam também alguns. Assim reza o relato do padre coadjutor João Pires que nessa data redigiu a memória paroquial que enviou para a coroa.